

KIERKEGAARD E O SOLITÁRIO-SEM-DEUS: Considerações ético-contemporâneas a partir do *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*¹

KIERKEGAARD AND THE LONELY-
WITHOUT-GOD: *Ethical-contemporary considerations from
the Concluding Unscientific Postscript to the Philosophical Crumbs*

Josenir Lopes Dettoni²
Lenir Lopes Dettoni³
Mateus Bolson Ruzzarin⁴

Resumo: O presente artigo aborda o tema *necessidade x liberdade* em suas implicações para a fundamentação da Ética. Assim, apresenta as noções de livre-arbítrio e de causalidade necessitarista como bases de teorias antagônicas sobre o assunto. Para o aprofundamento da questão, o trabalho adota como referencial a obra *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*, de Kierkegaard. Tal pensador aponta que um necessitarismo acarretaria no fim da responsabilidade e da possibilidade de um posicionamento ético. Propõe, portanto, que o fundamento ético está no indivíduo em sua relação com Deus. No entanto, com as contemporâneas investigações psicológicas sobre as causalidades do *self* e o movimento filosófico da “Morte-de Deus”, a proposição kierkegaardiana perde força, surgindo a posição do aqui denominado *solitário-sem-deus*: epistemologicamente limitado, ontologicamente determinado e existencialmente perdido; adotando, como opção para seu desespero, o consumo e o hedonismo exacerbados.

Palavras-chave: Ética. Filosofia da Religião. Psicologia.

Abstract: The present article approaches the dichotomy of “necessity vs freedom” and its implications for contemporary ethical grounds. Thus, it presents free will and causal notions as theoretical grounds, which are

¹Tradução de artigo publicado originalmente com o título “Kierkegaard and the Godless Loner: contemporary ethical considerations arising from Kierkegaard’s *Concluding Unscientific Postscript to the Philosophical Crumbs*” em *The Philosophical Society Review*, Autumn/Winter 2015, n°37. Tradução de Josenir Lopes Dettoni.

² Doutor em Filosofia pela UNISINOS com estágio doutoral na Oxford University. É professor de filosofia no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

³ Doutora em Educação (Universidad del Este del Paraguay). Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

⁴ Mestrando em Filosofia pelo King’s College.

commonly seen as antagonistic to the subject matter. In order to deepen the question at hand, the article reaches to Kierkegaard's Postscript to Philosophical Fragments as the central philosophical framework. Such thinker points out that a necessitarianism would entail the ending of responsibility and of the possibility of an ethical position. Therefore, it proposes that ethical foundations are within the individual and his relation to God. Meanwhile, because of contemporary psychological investigations on the causality of the self and the philosophical movement of "The death of God", the Kierkegaardian proposition loses strength, suggesting a new proposal, here named, the Godless Loner: epistemologically limited, ontologically determined; existentially lost. The options left for his desperate situation are exacerbated consumerism and hedonism.

Keywords: Ethics. Philosophy of Religion. Psychology.

Na busca de uma fundamentação ética para os nossos tempos, o tema da verdade sobre a existência da liberdade humana revela-se central. Ele possui importantes raízes cosmológicas, antropológicas e epistemológicas. Em termos dicotômicos, pode ser expresso através do binômio *necessidade X liberdade*. Sem um posicionamento claro quanto a esta questão, torna-se insustentável qualquer pretensão de embasamento sólido para a ética.

Ora, na tradição cultural ocidental, tanto religiosa como filosófica, e ainda no que se refere ao senso comum e às impressões pessoais compartilhadas, a noção de livre-arbítrio possui vasto lastro. Ela é constituinte, aliás, não apenas da nossa compreensão antropológica mais difundida, como, inclusive, serve de base para a estruturação do Direito como o conhecemos.

Contudo, no âmbito da ciência, no campo fenomênico, portanto, o conceito de causalidade, quando considerado em grande escala, parece cada vez mais corroborar os princípios do necessitarismo.

Assim, em resumo, no campo da moralidade, "[...] a ciência quer ensinar que se tornar objetivo é o caminho, enquanto que o cristianismo ensina que o caminho é tornar-se subjetivo, ou seja: no sentido verdadeiro, tornar-se sujeito" (KIERKEGAARD, 2013, p. 135). O grande filósofo Soren Kierkegaard demarca o problema, deste modo, no embate filosófico entre a visão do *histórico-universal* e a do *ético-individual*.

Nesse sentido, o pensador dinamarquês tece duras críticas à especulação histórico-universal, que, em suas palavras, “[...] quer fazer da individualidade histórica já sem alma uma determinação metafísica, uma espécie de denominação categorial para a relação de causa e efeito pensada de modo imanente” (KIERKEGAARD, 2013, p. 153). Segundo ele, um pensamento assim estabelece uma qualidade de irresponsabilidade imoral:

Uma época e um ser humano podem ser imorais de diferentes modos, mas é também imoral, ou, ao menos, uma tentação, envolver-se demais com o histórico-universal, uma tentação que pode facilmente levar a que na hora então em que se deve agir por si mesmo, também se queira ser histórico-universal (KIERKEGAARD, 2013, p. 140).

Para Kierkegaard, esse tipo de posicionamento acarretaria, de fato, no fim da responsabilidade e da possibilidade do ético, já que:

De modo histórico-universal, não se vê a culpa do indivíduo, tal como nesta só se encontra na intenção, o que se vê é a ação exterior consumida pela totalidade e, nessa, trazendo para si a consequência da ação. [...] Vê, o que eticamente é um escândalo, que, de modo histórico-universal [...], em última instância, tem que desconsiderar a verdadeira distinção entre bem e mal, como esta só se encontra no indivíduo e, a rigor, em cada indivíduo, apenas em sua relação com Deus (KIERKEGAARD, 2013, p. 162).

Frente a esse movimento de objetivação do homem, próprio do pensamento histórico-universal, não caberia à ética nada além do desespero:

[...] devo agora deter-me numa pequena observação introdutória em relação à direção objetiva: como a ética teria de julgar, caso o tornar-se um sujeito não fosse a mais alta tarefa que se coloca a todo e qualquer ser humano. Como ela teria de julgar? Sim, ela teria, naturalmente, de desesperar, mas o que se importa o sistema com isso? É consequente o bastante para não deixar a ética vir participar do sistema (KIERKEGAARD, 2013, p. 138).

Outra crítica importante apresentada pelo mencionado pensador é a de que, numa perspectiva necessitarista, determinista, tudo pode ser resumido ao passado. A ética, então, não seria mais precisamente ética; mas, antes, estética; essencialmente, contemplação:

[...] quanto mais complicada for a exterioridade em que a interioridade ética deve se refletir, mais difícil se tornará a observação, até que por fim ela se extravie em algo totalmente diferente, no estético. Por isso, a concepção da história do mundo facilmente se torna um assombro meio poético, ao invés de uma orientação ética (KIERKEGAARD, 2013, p. 147).

O determinismo seria, portanto, uma espécie de profetismo sobre o passado. Tudo, essencialmente, já estaria dado, tudo já estaria posto. Nossa ação não seria, assim, propriamente nossa, mas apenas produto de diversos elementos do passado. Tal posição teórica, desse modo, engendraria uma espécie de incapacitação para o agir, sendo, pelo referido pensador, considerada uma *distração especulativa*, caracterizada por certo *esquecimento do existente*.

A distração especulativa se deixa explicar de forma apenas psicológica pelo trato constante com a história do mundo, com o passado. Em vez de corretamente prestar atenção a si mesmo, como aquele que vive no presente e tem o futuro diante de si, para assim ser guiado até poder psicologicamente reproduzir o momento individual, que é apenas um fator dentre outros na história do mundo, mistura-se tudo e se quer antecipar seu próprio passado – para então chegar a atingir, muito embora pareça afinal bem fácil entender que, quando alguém se tornou passado, então já terá agido (KIERKEGAARD, 2013, p. 152).

No contexto do pensamento de Kierkegaard, “com efeito, o trato constante com o histórico-universal incapacita para o agir” (KIERKEGAARD, 2013, p. 140). Sendo considerado produto do passado, o homem histórico-universal estaria, na verdade, morto. Ora, em termos éticos,

[...] é uma inversão, quando, em vez de aprender da própria vida vivendo, [se quer] fazer os mortos reviverem, e prosseguir

querendo, de mortos (que a gente concebe como jamais tendo vivido), aprender como se deveria (realmente, é incrível o quão invertido isso é) – viver – caso já se estivesse morto (KIERKEGAARD, 2013, p. 164-165).

Em um posicionamento filosófico determinista, “o ético não fica assim o elemento original, o mais original de todos, presente em todo ser humano, mas antes uma abstração do que é vivenciado histórico-universalmente” (KIERKEGAARD, 2013, p. 149).

Em contraposição a esse tipo de pensamento, Kierkegaard apresenta as características de um posicionamento ético-individual, fundamentado na interioridade e no relacionamento individual com o divino: “[...] o ético [...] está voltado para a individualidade e, nessa medida, calcula que cada indivíduo, propriamente e essencialmente, só em si mesmo compreenda o ético, pois este é seu consaber com Deus” (KIERKEGAARD, 2013, p. 161). Para ele, com efeito, “o ético é a interioridade [...]” (KIERKEGAARD, 2013, p. 148) e o tornar-se sujeito ético se dá no aprofundamento do autoconhecimento e na relação com Deus.

Quanto à dimensão interior, ela possui tanta importância para o pensador, que pode até apresentar traços de obstinação:

Uma individualidade verdadeiramente grande e ética consumiria sua vida da seguinte maneira: desenvolver-se-ia ao extremo de suas capacidades; neste ponto, talvez produzisse um grande efeito no mundo exterior, mas isso não a ocuparia de modo algum, pois saberia que o exterior não está em seu poder e que, por isso, não importa nada, nem pro nem contra. Permaneceria na ignorância a respeito disso, para não ser retardada pelo exterior e não cair em sua tentação [...] (KIERKEGAARD, 2013, p. 140-141).

Já no que se refere à ética do autoconhecimento existencial, Kierkegaard sustenta que:

Só quando eu presto atenção acurada a mim mesmo, posso ser levado a me introduzir na maneira como uma individualidade histórica se comportou quando ainda vivia; e só assim o

compreendo, quando em minha compreensão o mantenho vivo e não, como o fazem as crianças, quebro o relógio em pedacinhos para entender a vida dele, nem, como o faz a especulação, o transformo em algo totalmente diferente para entendê-lo (KIERKEGAARD, 2013, p. 152).

Desse modo, na filosofia kierkegaardiana, o elemento subjetivo, individual, possui a primazia no conhecimento do que é e na decisão de ser ético. Porém, esse aspecto individual não é exclusivo, ou fechado em si, está relacionado a Deus. O filósofo dinamarquês chega a afirmar textualmente que “[...] o ético deveria ser descoberto pelo ato individual de se aprofundar em si mesmo e em sua relação para com Deus [...]” (KIERKEGAARD, 2013, p. 150).

Assim, a ética, de acordo com tal direcionamento filosófico, é também, no fundo, uma disposição religiosa; produto dessa relação íntima com Deus; o que, no contexto do pensamento de Kierkegaard, abre importante espaço para a tão conhecida e característica temática do “salto”.

No entanto, em nossos dias e em nossa cultura, a fundamentação ética kierkegaardiana, intimista e religiosa, pode chegar a ser criticada por alguns como simplista, em sua avaliação do self, e fideísta, por sua referência a Deus.

Quanto à primeira crítica, Kierkegaard, de fato, desdenha dos que buscam o ético na imensidão do histórico-universal, por ser este tão extenso que chega a ser incompreensível para o ser humano. Remete, então, o âmbito do ético ao estritamente pessoal, entendido como o mais simples. No entanto, aí reside uma limitação de seu pensamento: na não consideração da complexidade daquilo que chamamos de “si mesmo”.

Com efeito, o aprofundamento atual dos estudos sobre o “self” e das causalidades do comportamento humano revelam que o “si mesmo” é composto, múltiplo, complexo. A concepção simplista do “self” é própria de uma época pré-psicológica. Isso fica claro pelo que segue:

Portanto não é, como enganosamente se quer imaginar, que se veja melhor o ético na história do mundo, onde tudo gira ao redor de milhões, do que na vida simples própria da pessoa. Ao

contrário, é justamente o oposto; cada um vê melhor em sua própria vida, simplesmente porque não faz nenhuma confusão entre o estofo material e o referente à massa (KIERKEGAARD, 2013, p. 148).

Ora, uma posição em que o self é visto como simples tende a favorecer a explicação das causas do comportamento humano em termos de livre-arbítrio. Uma abordagem científica, como a do *behaviorismo* contemporâneo, no entanto, aponta para outra direção.

Já no que concerne à proposta kierkegaardiana de que a relação individual com a divindade constitui um fundamento da ética, a segunda crítica mencionada, efetivamente, no campo filosófico contemporâneo, após o movimento da “morte de Deus”, o ético ficou restrito unicamente ao indivíduo, caindo no relativismo individualista.

Assim, hoje a posição do *solitário-sem-deus*, como aqui descrevemos a conjuntura ética individualista pós-morte-de-Deus, apresenta-nos um grande desafio. Com efeito, o homem ocidental, voltado cada vez mais para si, ficou só. E, nessa situação, sem o estofo religioso, somente pode avançar no conhecimento de si por meio da ciência, e, por conseguinte, como produto histórico-universal, sendo este, é claro, incognoscível em sua plenitude. Eis como caminha, portanto, o solitário sem deus: epistemologicamente é limitado, apenas podendo alcançar conhecimento muito parcial de infinitas possibilidades causais; ontologicamente, determinado; existencialmente, perdido. Como opções para o desespero de sua situação, o consumo e o hedonismo exacerbados.

A guisa de breve e provisória conclusão, diante desse contexto de falta de referências sólidas, que tipo de fundamentação ética é possível vislumbrar? O tema da liberdade X determinismo pode ser resolvido? São questões que se apresentam e merecem robusto e sincero esforço intelectual que lhes façam jus.

Por ora, um maior aprofundamento filosófico, inclusive na obra kierkegaardiana, mostra-se aqui oportuno e, até mesmo,

necessário para contribuir na busca de soluções racionais para tais problemas.

Referência Bibliográfica

KIERKEGAARD, SorenAabye. *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*. Vol. I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2013.